

Aquele encontro era tão inevitável quanto a vida ou a morte. Acabou acontecendo em uma manhã tímida de agosto, um dia de Nossa Senhora da Glória, no Rio de Janeiro, há mais de meio século. Mas, para o poeta Hermínio Bello de Carvalho, é como se tivesse acontecido ontem. Ele e seu amigo Leonardo Castilho passavam aos pés da ladeira do outeiro, voltando de um banho de mar, quando alguma coisa os deixou inquietos. A caminho da casa de Hermínio, eles pararam e, meio enfeitiçados, se entreolharam. Da Taberna da Glória, a voz densa de uma mulher cortava o ambiente, fazendo o poeta se perguntar se já havia escutado aquilo antes. Já tinha, sim. Então, seguiu o som e, vitorioso, reconheceu a cantadeira.

— Léo, é ela!

— Jura, Hermínio?

— É ela, Léo!

A mulher era, como Hermínio poderia lembrar a partir de encontros passados, uma negra alta, já idosa, envolta em vestes brancas, assemelhando-se às baianas do candomblé, como Mãe Menininha do Gantois. Era o mesmo timbre forte e inconfundivelmente rouco que o encantara em duas outras oportunidades. Por obra do acaso, e talvez pela timidez em excesso, o poeta ainda não havia tido a chance de engatar uma conversa com ela. Era questão de tempo, pensava. Era só questão de tempo.

Mas a mulher não vivia desse cantar, não. Era empregada doméstica no subúrbio do Rio de Janeiro, tinha 63 anos de idade e frequentava, com assiduidade, as festas do dia 15 de agosto, dia da padroeira do bairro da Glória, de quem era devota. Ótima cozinheira, levava quitutes que ela mesma preparava

para festejar com os amigos. Entre um samba e outro, Clementina de Jesus da Silva esbanjava seu talento sem se sentir incomodada. Na Taberna da Glória, ela era estrela. Durante o expediente como doméstica, no entanto, a cantadeira soltava a voz e era repreendida pela patroa que, ao ouvi-la cantando enquanto engomava as camisas, dizia: “Clementina, estás cantando ou estás miando?”

Hermínio Bello de Carvalho abraçou aquela novidade como poucas vezes fizera antes. Animado, o poeta queria finalmente conversar com a mulher que o enfeitiçara. Mas faltava-lhe coragem. Para um rapaz como ele, frequentador de encontros regados a Vivaldi, jazz norte-americano e poemas de Mário de Andrade, era admirável que se deixasse conquistar pela cantora de voz rascante da Taberna da Glória. Quelé, como era apelidada, físgou-o definitivamente.

Exatamente um ano antes, os caminhos de Clementina de Jesus e Hermínio Bello de Carvalho já haviam se cruzado, também em um dia de Nossa Senhora da Glória, quando o poeta viu, também na Taberna, uma mulher de rendas brancas e coque, sentada em uma mesa cheia de empadinhas, pastéis e outros quitutes fritos, acompanhada de um mulato forte vestido de branco dos pés à cabeça – gravata, camisa, meias, sapato, tudo branco. A chegada da polícia trouxe uma repentina agitação àquele bar, e Hermínio, que estava apenas em traje de banho, resolveu ir buscar os documentos em casa. Quando voltou, nada encontrou.

A partir daquele dia, a imagem daquela cantora negra, anônima, povoaria seu imaginário. Ela lhe remetia imediatamente à figura de Pastora Pavón, ou La Niña de Los Peines, como era chamada a intérprete espanhola que ele conheceu pessoalmente em uma viagem à Espanha em 1965 e cuja voz “coberta de musgo”, segundo definição do grande poeta andaluz Federico García Lorca, poderia ser perfeitamente atribuída à Clementina também.

Depois da primeira tentativa em vão, o segundo encontro entre Clementina e seu fã incondicional acabou acontecendo na inauguração do bar Zicartola, empreendimento que, a partir de 1963, agitou a rua da Carioca, no centro do Rio, e teve como donos Angenor de Oliveira, o Cartola, e sua esposa, Euzébia Silva do Nascimento, a Dona Zica. O local era frequentado por sambistas de renome como Nelson Antônio da Silva, o Nelson Cavaquinho, Ciro Monteiro, Ismael Silva e José Flores de Jesus, o Zé Kéti. Era o ambiente

ideal para a aproximação. Convidada por dona Menina, a irmã de Zica, Clementina esteve presente na inauguração do Zicartola. Hermínio, envolvido na organização do local, também. Assim que a cantadeira foi convidada a versar um partido-alto no palco improvisado, o poeta logo reconheceu a voz que o conquistara alguns dias antes. Porém, faltava de novo coragem a ele. Embebido em alegria, mas exageradamente tímido, o rapaz deixou a oportunidade escapar pelas mãos. O segundo encontro entre os dois terminava infrutífero, como o primeiro.

Praticamente um ano havia se passado e Hermínio já se ressentia da demora em rever Quelé. O dia de Nossa Senhora da Glória em 1964 era, portanto, a ocasião certa, já que ele tinha uma vaga noção de que a cantora pudesse estar lá. A ideia era lançar mão do amigo Leonardo Castilho para intermediar o encontro. O plano foi meticulosamente elaborado na cabeça do poeta.

— Vamos Hermínio, vamos falar com ela – sugeriu Castilho.

— Não, não vou falar. Mas eu quero que você me faça um favor. Vamos comprar umas flores e você entrega a ela dizendo quem é que está mandando. Provavelmente ela não vai saber quem é. Então, você vai explicar que é do Hermínio Bello de Carvalho, uma pessoa que a admira e que mora atrás da igreja.

Castilho se encarregou da missão de convencer a cantora a ir até o apartamento de Hermínio. Feito. Em alguns minutos, Clementina de Jesus e seu marido, Albino Pé Grande, acompanhados de mais duas pessoas, já batiam à porta do apartamento do poeta. Ao espiar pelo vão da porta, ele, conta Leonardo Castilho, “praticamente desmaiou”.

Não poderia haver melhor mestre de cerimônias para Quelé e Hermínio do que a música: a cantoria, no dia 15 de agosto de 1964, não teve hora para acabar. O poeta, na condição de anfitrião-tiete, recebeu a célebre cantadeira da Taberna da Glória com bebidas de toda sorte, como alguns “uisquezinhos” e “brutucuzinhos” – como Clementina dizia –, que deixavam a cantora mais à vontade.

Entre um “uisquezinho” e outro, Hermínio propôs que a cantadeira exibisse o vozeirão em uma gravação caseira. Mas ela nunca havia visto um